

# Do desejo à alteridade: o voo necessário do “eu” para a liberdade

**Helena Pinho de Sá<sup>1</sup>, Aracaju**

**RESUMO:** Nós seres humanos somos de uma complexidade difícil de imaginarmos, mas encontramos em nossa vida abismos que nos oportunizam encontrar potencialidades adormecidas caso dispormos de auxílio e nos impliquemos na lida com nossos desejos. O processo analítico, por sua vez, nos ajuda nesse processo de construção de novos significados ao encontrarmos nossos limites e, com isso, no desenvolvimento de nossa alteridade, com o que conquistamos a liberdade para virmos a ser quem somos.

**PALAVRAS-CHAVE:** alteridade, desejo, liberdade, psicanálise, sujeito.

Ao nascermos, nós seres humanos somos muito frágeis e, graças ao cuidado que recebemos, podemos nos adaptar, como também ultrapassar limites com o exercício do livre pensar. O alcance da liberdade para pensar é um processo conquistado a partir do encontro com nossa incapacidade de voar, que apesar de representarem pedras e buracos em nossos caminhos, é com essa experiência de topadas e quedas que podemos aprender a nos movimentar e nossa possibilidade de nos implicar nesse processo determinará o desenvolvimento de nossa alteridade cuja construção subjetiva é proporcionada por uma relação analítica que vise uma existência com

---

1. Psiquiatra, Membro do Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica do Recife (SPRPE). Membro fundadora da Sede brasileira do Instituto Psicanalítico de Formação e Pesquisa Armando Ferrari (IPFR-Brasil). Membro do Núcleo Psicanalítico de Aracaju (NPA). Professora Adjunta de Psiquiatria da Universidade Federal de Sergipe. Mestre em Saúde Mental pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP.

liberdade.

A construção da alteridade está no cerne do processo psicanalítico porque este entende o ser humano como um sujeito. O conceito de “alteridade” do dicionário é sucinto e significa “aquela condição do que é distinto”, ou aquela “situação, estado ou qualidade que se constitui através de ‘relações’ de contraste, distinção, diferença”, condição esta que constitui o “sujeito psicanalítico”, aquele ser desejante que precisa se distinguir de seu objeto de desejo para satisfazê-lo.

Os Titãs Arnaldo Antunes, Sérgio Brito e Marcelo Fromer escreveram em 1987 a música “Comida” que nos alerta para nossa complexidade:

“A gente não quer só comida  
A gente quer comida  
Diversão e arte  
A gente não quer só comida  
A gente quer saída  
Para qualquer parte...  
A gente não quer só comida  
A gente quer bebida  
Diversão, balé  
A gente não quer só comida  
A gente quer a vida  
Como a vida quer...”

As ditas rebeldias da adolescência movimentam nossa sociedade, assim como nossas pulsões nos põem a pensar. O que os Titãs denunciam é que aquilo que recebemos de nossa sociedade, nas figuras de nossos pais, professores e representantes institucionais, são insuficientes porque são convenções que não suprem mais a nossa singularidade, nosso desejo de vir a ser quem somos, e que clamamos por esse reconhecimento. A nossa relação com outros que nos reconheçam torna possível o encaminhamento de nosso próprio processo de subjetivação e até o encontro com um ou

mais papéis na sociedade em que vivemos, mas que, ainda assim, não deixamos de viver conflitos.

De forma corriqueira, encontramos na clínica psicanalítica relatos sobre conflitos do dia a dia carregados de significados que precisam ser compreendidos. Por exemplo, o analisando fala em sessão que está muito machucado porque sofreu um acidente de carro. Socialmente, seria satisfatório que nessas situações procurássemos saber mais informações sobre o ocorrido e perguntássemos: “como foi seu acidente?”; ou “você está machucado?”. Claro que precisamos perceber a concretude do evento, averiguar se o paciente tem condições físicas para estar na sessão, mas na relação analítica precisamos ir além disso e gerarmos um estímulo para um processo investigativo que desperte a curiosidade do indivíduo sobre sua própria forma de sentir e pensar aquilo que ocorreu com ele.

Procuramos uma análise justamente por não alcançarmos um significado que possa conter a nossa experiência e estarmos paralisados. Quando assistimos a um filme ou vemos um quadro, pode acontecer de ficarmos confusos e perplexos, como numa experiência traumática que não conseguimos elaborar. Nossas emoções ficam emaranhadas, às vezes, com sensações físicas de aperto no peito ou falta de ar, e dizemos que aquela obra de arte nos deixou angustiados, porém, não estamos mais vendo o quadro e ainda nos sentimos mal porque aquela experiência foi apenas disparadora de fenômenos físicos, químicos e psíquicos que se passam dentro de nós.

Quando nascemos não temos condições psíquicas para suportar as inúmeras experiências e por isso precisamos de outros que nos cuidem e nos oportunizem a desenvolver nossas habilidades para nossa autonomia. Recebemos estímulos diversos, desde tons de voz, sensações de peles, de espessuras e temperaturas diferentes, como também diferentes formas de comunicação e trocas de afetos e costumamos atribuir ao outro tais características: “a pele de fulana é tão macia”, “a voz de sicrano é doce”, “o jeito de beltrano é bruto”.

Quando vivemos situações traumáticas também costumamos atribuir

para algo fora de nós a responsabilidade da nossa experiência. Com isso, as demandas nas sessões analíticas são semelhantes e são trazidas, muitas vezes, com o caráter convencional, como por exemplo: “eu estou triste porque meu irmão morreu”; em vez de: “eu estou triste por me sentir culpada por não ter cuidado de meu irmão melhor, como eu acho que eu deveria”. Então, muitas vezes, falamos que sofremos por algo que é externo a nós, o que é convencionalmente usual e claro para os padrões que se espera de nosso comportamento, como uma tentativa de explicar algo que ainda não entendemos.

O que chamamos de “eu” se constitui no encontro com o desconhecido a que chamamos de “outro”. Quando o bebê está aprendendo a andar ele ainda não reconhece as suas pernas como suas, apesar de já as possuir. Nesse processo, o cuidador, acompanha seus primeiros passos, e a depender desse acompanhamento, o bebê pode perceber os estímulos que recebe de suas pernas e desejar, por exemplo, alcançar um brinquedo, ou um abraço. Para isso, propõe-se experimentar esticá-las, uma de cada vez, para alcançar seu objeto desejado, e aquelas pernas que até então eram desconhecidas passam a ter um sentido. Dessa forma, o bebê precisa entrar em contato com o que sente, com seus desejos, para atribuir sentido à sua vivência que quando esta alcança um significado, poderão ser verbalizadas em forma de palavras.

Inicialmente, bem no princípio de nossa existência, vivemos como se todos os estímulos não nos pertencessem e ao mesmo tempo, tudo nos pertencesse porque ainda não temos um “eu” que possa diferenciar o que é nosso do que não é nosso. Com o auxílio de nossos cuidadores, podemos atribuir, desde o primeiro momento, sentidos às nossas pulsões na tentativa de fazermos uso delas que, assim, tornam-se desejos. Passamos, então, por experiências de estranheza, com aquilo desconhecido-reconhecido, estranho, familiar, para o que, paulatinamente, atribuímos um significado, ao que chamados “sentimentos”, com que podemos nos perceber como sujeitos da experiência que poderá, assim, ser pensada e comunicada.

Esse acompanhamento para o desenvolvimento da percepção de si,

seja de sensações, emoções ou sentimentos, é análoga à função analítica. O paciente numa sessão de análise precisa viver uma experiência de estar com seus estímulos sensoriais, construir emoções, sentimentos, ou seja, sua própria rede de significados que depende de uma relação que propicie o desenvolvimento do seu “eu”.

O que a psicanálise inaugurou foi o fato que cada um constrói o significado de sua experiência a partir da transformação dos estímulos que recebe. Inicialmente, um acidente pode ter sido um tropeço na tentativa de alcançar um brinquedo, mas ao nos implicarmos com a experiência, podemos transformar seu significado e o acidente pode vir a ser uma oportunidade, por exemplo, de encontro consigo mesmo. A relação da pulsão com seu objeto em nós seres humanos é frouxa e por isso é possível a mudança de seus fins e o encontro de novos meios para saídas mais adaptativas.

Por vezes, porém, negamos a experiência frustrante ao vivermos um tropeço, não o reconhecemos, e usamos nossa imaginação para reforçar nosso engodo. Esse mecanismo é natural do narcisismo primário quando investimos nossa libido em nosso “eu” e vivemos aprisionados num castelo da fantasia onde achamos que nossos desejos se tornam realidade, como na história da Branca de Neve em que a sua madrasta vive numa relação narcísica com seu espelho e toda sua libido é investida em sua imagem.

Como parte do nosso desenvolvimento, essa fase existe pela necessidade de afirmar nossa própria existência e para nos proteger da nossa própria inveja. Mas é muito facilmente falha, porque qualquer evento da vida que ponha à prova a idealização do “eu” é vivido como ameaçador e a nossa inveja entra em cena para destruir a experiência, por ainda não sermos capazes de tolerar algo que seja divergente ao que fantasiemos. Visto que o sentimento de “si” da Madrasta ainda não está bem estabelecido, entra em cena seu desejo de matar a Branca de Neve, que denuncia a sua fragilidade, e a presenteia com uma maçã envenenada.

Quando o indivíduo persiste sem perceber sua destrutividade, ou seja, permanece idealizando o seu “eu”, as mudanças necessárias para

a adaptação às novas demandas que surgem não são viabilizadas. Um paciente que chega ao consultório relatando automutilação e outras situações de exposição à violência e risco à sua integridade, ou acusando o analista de indiferença ou abandono, expressam também a sua incapacidade de continência de seu *self* e se utiliza de uma linguagem desastrosa para comunicar a sua dor.

Naquelas situações que ainda não há palavras para comunicar a dor que sentimos, a utilização pelo analista de caracteres verbais trazidos pelo paciente auxilia a comunicação da dupla. Falar sobre as automutilações, cortes, ou acidentes como metáforas permite que o analista compartilhe com o paciente um espaço intermediário que permite que o paciente se aproxime de suas emoções e possa expressá-las. Raiva, ódio, medo de morrer, impotência e desamparo podem vir à tona e permitir o alívio da angústia presente na sessão e, com isso, o paciente pode encontrar os significados que estavam submersos.

Entendemos que a linguagem trazida pelo paciente comunica sua condição psíquica que é lida pelo analista além do conteúdo do discurso. A dupla poder falar desse conteúdo pré-simbólico que expressa o modo que se encontra a mente do paciente naquele momento, permite a expressão dos emaranhados de sensações e emoções geradoras de sua angústia. Ao serem expressos, esses conteúdos emocionais poderão encontrar, de forma gradual, um continente no psiquismo de cada um da dupla, analista e analisando, que, assim, constroem um espaço intersubjetivo onde símbolos constituirão uma rede de contato que intermediará a relação nos próximos encontros.

Assim, o analista precisa entrar em contato com sua própria subjetividade, mas deste espera-se que possa suportar melhor seus sentimentos para que possa alcançar seus próprios significados. Da relação analítica espera-se uma assimetria visto que o analista teria uma melhor condição de conter sua subjetividade despertada no encontro para que entre em ação a sua função analítica, ou seja, sua condição de auto-observar-se de modo a pensar uma forma de proporcionar ao paciente viver sua experiência

emocional por meio de suas proposições.

Espera-se que o analista concilie aspectos de sua personalidade para encontrar propostas que mobilizem o paciente para pensar. Para isso, necessitará não apenas ser acolhedor e compreensivo, mas também firme ao colocar suas propostas que movimentarão o psiquismo do paciente de modo a reconhecer suas próprias ferramentas adormecidas. O relato do acidente que ocorreu no percurso da sessão é acolhido pelo aspecto maternal ou feminino do analista que também acionará seu aspecto ativo e masculino e delimitar a sua experiência com o paciente por meio de suas palavras.

Dessa forma, as palavras do analista são um resultado de uma conciliação de diferentes aspectos de sua personalidade que trazem um estímulo para a ativação do aparelho de pensar do paciente. A proposição analítica seria aquela palavra que ao mesmo tempo que contém, também norteia a experiência e, com isso, proporciona uma redução da angústia presente, o que favorece a conexão do paciente com suas próprias palavras.

Quando nosso psiquismo está em funcionamento primitivo, não enxergamos além de nossas próprias fantasias até que possamos suportar nossos limites. Naquela forma, a relação de objeto é frágil, facilmente sofre colapso e é destruída, mas com a *reverie* vivida na relação analítica, abre-se a possibilidade de reparação dos danos imaginários e construção de confiança em si e consigo, ou seja, o estabelecimento de relações de objeto mais confiáveis e estáveis, o que é fundamental para a integração da vivência dolorosa e formação de novos símbolos. Com isso, o “eu” alcançará sua liberdade de escolha e de construção de nossos próprios significados, ou seja, o desenvolvimento da criatividade que nos levará além da água e da comida.

Finalmente, o surgimento do sujeito ocorre com a construção de sua própria forma de perceber a vida que pode ser alcançada com uma relação de respeito aos limites. O encontro com o paciente por meio de sua linguagem permite uma continência suficiente do analista para que a função analítica possa entrar em ação em ambos os componentes da dupla e levar ao reconhecimento dos sujeitos desejantes que são. No seu espaço e tempo,

o “eu” de todos nós poderá considerar-se, ou seja, desenvolver alteridade.

### Conclusão

Com a construção de um “eu” para lidar com nossos estímulos, construímos também nossos desejos e com eles adquirimos nossos próprios conflitos que precisam ser considerados como tal. Com alteridade, o “eu” pode encontrar suas próprias saídas e satisfazer-se no que for possível, mas é necessário que nos impliquemos e aceitemos a proposta da vida, que pode chegar pela palavra do analista, de que nós existimos e podemos desenvolver nossas próprias potencialidades adormecidas, de acordo com nosso próprio ritmo. Esbarrarmos em situações traumáticas ou frustrantes torna-se uma oportunidade para encontrarmos nossas próprias habilidades e com isso, vivermos a alteridade de sermos únicos, com quem nos relacionamos, e com isso, poderemos ultrapassar nossos próprios limites e conquistarmos a liberdade de construir quem desejamos ser.

### FROM DESIRE TO ALTERITY: THE NECESSARY FLIGHT OF THE “ME” TO FREEDOM

**ABSTRACT:** We human beings are of a complexity that is difficult to imagine, but we find abysses in our lives that allow us to find dormant potentialities if we have help and we involve ourselves in dealing with our desires. The analytical process, in turn, helps us in this process of construction of new meanings by finding our limits and, with that, in the development of our otherness with which we conquer the freedom to become who we are.  
**KEYWORDS:** alterity, desire, freedom, psychoanalysis, subject.

### DEL DESEO A LA ALTERIDAD: EL NECESARIO VUELO DEL “YO” A LA LIBERTAD

**RESUMEN:** Los seres humanos somos de una complejidad difícil de imaginar, pero encontramos abismos en nuestra vida que nos permiten encontrar potencialidades dormidas si contamos con ayuda y nos involucramos en el manejo de nuestros deseos. El proceso analítico, a su vez, nos ayuda en este proceso de construcción de nuevos significados al encontrar nuestros límites y, con ello, en el desarrollo de nuestra alteridad, con la que conquistamos la libertad de convertirnos en quienes somos.  
**PALABRAS CLAVE:** alteridad, deseo, libertad, psicoanálisis, sujeto.

## REFERÊNCIAS

- Bion W. R. (1994). Uma teoria sobre o pensar. In: Bion, *Estudos psicanalíticos revisados – Second Thoughts/* W. R. Bion (Trad. Wellington M. de Melo Dantas, pp. 127-137). 3ª. Ed. Revisada. Rio de Janeiro: Imago (Livro original publicado em 1967).
- \_\_\_\_\_. Differentiation of the Psychotic from the Non-psychotic Personalities. In W.R. Bion, *Second thoughts – selected papers on psycho-analysis*. 1a ed, pp. 43-64. London: William Heinemann Medical Books Limited, 1967.
- \_\_\_\_\_. *O aprender com a experiência*. (Trad. Paulo Corrêa Dias). Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Transformações*. Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- Ferrari, AB. Introdução à hipótese do Objeto Original Concreto. In AB Ferrari. *O eclipse do corpo – Uma hipótese psicanalítica*. (Trad. Marcella Mortara. 21 a 32). Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- \_\_\_\_\_. A hipótese. In AB Ferrari. *O eclipse do corpo – Uma hipótese psicanalítica*. (Trad. Marcella Mortara. 33 a 58). Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- Ferrari, AB & Stella A. Identidade e Ego. In AB Ferrari e & A Stella, *A Aurora do pensamento - Do teatro Edipiano aos registros de linguagem*. 96 a 114. Editora 34: São Paulo, 2000.
- \_\_\_\_\_. Algumas considerações a respeito da atividade analítica. In AB Ferrari e & A Stella, *A Aurora do pensamento - Do teatro Edipiano aos registros de linguagem*. 115 a 134. Editora 34: São Paulo, 2000.
- \_\_\_\_\_. Registros de linguagem. In AB Ferrari e & A Stella, *A Aurora do pensamento - Do teatro Edipiano aos registros de linguagem*. 186 a 202. Editora 34: São Paulo, 2000.
- Ferro, A. *Na sala de análise – Emoções, relatos e transformações*. (Trad. Marta Petriccioni). Blucher: 2019.
- Freud, S. (1912). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In S Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Trad. J Salomão. Vol.XII, p. 123 a 136.). Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- \_\_\_\_\_. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In S Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Trad. J Salomão. Vol XIV, 77 a 110). Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- \_\_\_\_\_. (1914). Os instintos e suas vicissitudes. In S Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Trad. J Salomão. Vol XIV, 117 a 123). Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- \_\_\_\_\_. (1917). A teoria da libido e o narcisismo. In S Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Trad. J Salomão. Vol. XVI, p. 413 a 432). Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- \_\_\_\_\_. (1921). Psicologia de grupo e análise do Ego. In S Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Trad. J Salomão. Vol I, 77 a 95). Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- \_\_\_\_\_. (1919). O Estranho. In S Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Trad. J Salomão. Vol I, 235 a 276). Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- \_\_\_\_\_. (1923). O Ego e o Id. In S Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Trad. J Salomão. Vol I, 77 a 95). Rio de Janeiro: Imago, 2006.

Gabbard, GO. Uma reconsideração da objetividade do analista. *Int. J. Psycho-Anal.* Vol. 78, p 15 a 26. *Livro Anual de Psicanálise.* Vol. XIII, p. 23 a 34, 1997.

Klein, M. (1930). A importância da Formação de Símbolos no Desenvolvimento do Ego. In M Klein, *Amor, Culpa e Reparação e Outros Trabalhos - Obras Completas de Melanie Klein.* (Tradução André Cardoso. Vol. I, 249-264). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_ (1946). Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. In M Klein, *Inveja e Gratidão e Outros Trabalhos - Obras Completas de Melanie Klein.* (Tradução André Cardoso. Vol. III, 17-43). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Levy, R. The polyphony of the contemporary psychoanalysis: the multiple languages of man. *Talks on psychoanalysis.* 04 de maio de 2021. Disponível em: <https://talksonpsychoanalysis.podbean.com/>. Acesso em: 10 de maio de 2021.

Rosenfeld R. Uma apreciação crítica do trabalho de James Strachey sobre a natureza da ação terapêutica da psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise.* (Trad. Curt E. Schwarcz, 7, p. 355 a 368), 1973.

Segal, H. *Sonho, fantasia e arte.* Rio de Janeiro: Imago, 1993.

Ogden TH. Reconsiderando três aspectos da técnica psicanalítica. *Revista de Psicanálise,* Vol. III, No. 3, p. 421 a 444, 1996.

helenapinhodesa@gmail.com